

29/02/2024 14:00:20 - AE NEWS

## ARTIGO/MARCELO KFOURY MUINHOS: CONDICIONANTES MACROECONÔMICOS DA AVALIAÇÃO PRESIDENCIAL



A política brasileira continua absolutamente polarizada. Como disseram Felipe Nunes e Thomas Traumann em livro recente, pior do que polarizada, calcificada, quer dizer há uma cristalização dos apoios aos extremos, com baixa chance de surgir um terceiro nome de centro.

Os que votaram em 2022 no Bolsonaro se mantêm fiel a ele e a aprovação do presidente Lula continua próxima ao seu resultado eleitoral. De qualquer maneira é interessante observar quais são os condicionantes da aprovação popular. Estou revisitando [um artigo](#) sobre o tema que fiz em 2022 e também uma [dissertação de mestrado](#) de Matheus Rodrigues que orientei na FGV-EESP procurando analisar quais são as variáveis macroeconômicas que afetam a aprovação do presidente. Faço dois cenários para as variáveis exógenas, um mais positivo e outro mais negativo para testar quais seriam hoje as chances de reeleição do atual presidente.

Com relação à polarização, a Eurasia Group apresentou um artigo comentando a presença maciça de apoiadores no último domingo (25/02), argumentando que o apelo de Bolsonaro junto ao eleitorado conservador ainda é grande e não deve esvaír rapidamente. Como dados para corroborar essa afirmação, há uma pesquisa da Atlas Intel que a avaliação positiva de Bolsonaro em uma escala binária continua em 43% próxima ao que ele tinha na eleição de 2022.

Interessante notar que, além desse apoio, 38% ainda acreditam que o candidato conservador teve mais votos do que Lula na eleição presidencial. Portanto, mesmo estando inelegível e com risco de ser processado e preso por tentativa de golpe de estado, o ex-presidente ainda detém força política para cacifar um candidato de direita e praticamente garanti-lo no segundo turno da próxima eleição presidencial.

Já o presidente Lula consegue manter uma aprovação estável e razoável com bom e ótimo ao redor de 36% em janeiro (38% em dezembro), com o ruim e péssimo em 32%. Para efeito de comparação, Bolsonaro tinha 30% de bom e ótimo com um ano de governo. Na aprovação binária, o resultado positivo de Lula é de 49%, próximo ao teto que teve logo após a eleição que foi de 51%. O Eurasia Group tem um modelo que mostra que se o presidente atingir 40% de aprovação positiva, as suas chances de reeleição são acima de 50% numa avaliação binária.

Com exceção de São Paulo, ou alguma outra grande capital, a polarização presidencial tende a ser menos determinante nas eleições para prefeitos e vereadores nesse ano, sendo mais relevantes os assuntos municipais. Essa eleição segundo os cientistas políticos é importante para a eleição de deputados, mas não para a de presidente. A quase três anos da eleição presidencial, as pesquisas de aprovação são cruciais para se avaliar as chances de reeleição do atual presidente e é relevante observar quais variáveis macroeconômicas são importantes para isso.

Há vários desafios nesse tipo de modelagem. Uma óbvia é que não encontrei um modo de colocar a polarização atual no modelo, mas há uma insight básico que mostra que se a economia estiver

29/Fev/2024 19:14

desempenhando bem as chances de reeleição são altas. Outra grande dificuldade é projetar as variáveis exógenas do modelo para um período além do fim da amostra. Além disso, é difícil garantir que essas variáveis sejam realmente exógenas, ou seja, não são afetadas pelas decisões do governo.

Na verdade, a variável endógena é a variação da avaliação popular do chefe do executivo, por razões econométricas. O modelo é estimado trimestralmente de 1997 a 2023, com 106 observações e 20 regressores. São quatro as principais variáveis econômicas que determinam a avaliação dos presidentes: preços dos alimentos, termos de troca, hiato do produto e taxa de juros real dos Estados Unidos. Todas as variáveis entraram nos modelos de forma estatisticamente significativas e com sinal esperado. Foi necessário colocar uma série de dummies com objetivo de excluir observações com erros muito altos, principalmente para períodos de troca no executivo federal. Outros períodos mais conturbados com choques pontuais, como racionamento de energia de 2001, protestos de 2013, greve dos caminhoneiros, impeachment e alguns momentos da pandemia, também foram excluídos.

Em relação as variáveis domésticas, a variável de preço dos alimentos na verdade é a diferença do acumulado de doze meses da inflação de alimentos no domicílio em relação a inflação cheia e entra no modelo com defasagem de 2 trimestres com sinal negativo, conforme esperado. A inflação alta é letal para os presidentes e principalmente a inflação de alimentos, que são os preços que mais afetam a expectativa de inflação dos consumidores e o poder de compra dos salários. Já a variável do hiato do produto, que mostra entre outras coisas, quanto o mercado de trabalho está aquecido, pode ser mais afetada por ações do governo, mas é significativa. O modelo foi rodado em duas etapas, colocando tanto o preço dos alimentos como o hiato do produto com defasagem como instrumentos para tirar a endogeneidade.

As outras duas variáveis dependem da situação internacional e são menos problemáticas em relação a endogeneidade. Os preços de troca são muito correlacionados com os preços das commodities, pois os preços das exportações dependem mais dos preços internacionais e menos das condições locais. Eles entram em primeira diferença contemporaneamente e são publicados pelo IPEA.

Já a taxa de juros dos Estados Unidos não guarda nenhuma correlação com as ações do executivo brasileiro. Essa variável entra em nível com um trimestre de defasagem e apresenta sinal negativo conforme esperado. Na verdade, essas variáveis são importantes, pois afetam o câmbio real. Quando os juros americanos estão diminuindo e o preço das commodities subindo, há apreciação do câmbio real, o que aumenta a o poder de compra dos salários e consequentemente a popularidade do presidente.

Com base no modelo estimado, apresento projeções para a avaliação presidencial baseadas em dois cenários, que só diferem nas variáveis domésticas, que temos mais sensibilidade para buscarmos trajetórias críveis. No primeiro cenário, coloco os preços dos alimentos e do hiato do produto, relativamente bem-comportados seguindo o consenso de mercado, com a diferença entre inflação de alimentos e a cheia ficando zerada. No segundo cenário, faço com que os preços dos produtos alimentos fique 5% acima do IPCA e com que o hiato do produto fique 2% mais negativo no final de 2025.

## Projeções de Aprovação do Presidente



Rodei o modelo até o final do próximo ano (2025), pois fica ainda mais inverossímil simular as variáveis exógenas para horizontes mais longos. No primeiro cenário, com alimentos rodando junto com a inflação e o hiato do produto quase constante, a avaliação ótima e boa vai para 44% e no cenário pessimista, com alimentos altos e hiato do produto negativo, a aprovação cai para cerca de 30%, conforme pode ser visto no gráfico acima.

Com toda a polarização existente, que não tende a diminuir até a próxima eleição presidencial, mesmo com a situação econômica se mantendo positiva para o atual presidente, é difícil imaginar que a sua aprovação ótima e boa consiga ultrapassar os 50%. Por outro lado, se não houver uma piora econômica doméstica nem internacional, as projeções colocam o atual presidente em posição de conseguir a reeleição.

*Marcelo Kfoury Muinhos é professor da FGV-EESP e consultor econômico. Foi economista-chefe do Citi-Brasil e chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Central.*

Os artigos publicados no **Broadcast** expressam as opiniões e visões de seus autores.